**Oostenbroek et al.(2016), Comprehensive Longitudinal Study Challenges the Existence of Neonatal Imitation in Humans Current Biology 26, 1334–1338.**

 **Meltzoff, A. Murray, L. et al. (2017). Re‐examination of Oostenbroek et al. (2016): evidence for neonatal imitation of tongue protrusion. Developmental Science · September 2017 DOI: 10.1111/desc.12609**

No primeiro artigo, as autoras relatam um experimento longo que fizeram (com 106 bebês, de uma, três, seis e nove semanas de nascido), cujo resultado contesta a tese de que a imitação é uma capacidade/habilidade inata e que é feita pelos recém-nascidos desde o nascimento. Nesse experimento, os bebês foram mostrados a 11 modelos diferentes (protrusão da língua, abertura labial, expressão alegre e triste, colher saindo de um tubo uma caixa se abrindo, dois gestos de mão e três sons vocálicos), por 60 segundos cada. Foi anotada a frequência com que os bebês imitavam esses comportamentos observando modelos fazerem e modelos controle. A análise longitudinal estatística feita não mostrou diferenças entre a imitação pelos bebês especialmente em três gestos (abertura de boca, face triste e som eee). Eles podem produzir os mesmos gestos de um modelo por várias razões que não as imitativas. Essa capacidade deveria acontecer somente a partir do 6º ou 8º mês de vida, corroborando com a ideia de que apesar do componente inato, a imitação também é influenciada pelo meio ambiente e que não está claro se os neurônios espelho são uma adaptação inata para a imitação ou também está associada nessa habilidade a aprendizagem associativa. É proposta uma revisão nos conceitos de imitação e cognição social.

No segundo artigo, os autores reexaminam o trabalho feito no 1º artigo. Reafirmam que o mecanismo e função da imitação tem sido bastante estudado, e são um inato. Apontam alguns pontos fracos no trabalho do 1ºartigo, como:-estímulos por um período muito longo (11 minutos, muito cansativo para bebês), porém cada estímulo com uma duração rápida (30 segundos); estímulos que os bebês ainda não conseguem reproduzir; os critérios utilizados não são bons ; muita distração visual para os bebês; sonolência( os bebês não podem estar sonolentos ou com as pálpebras pesadas e opacas ; a ordem dos estímulos não foi contrabalançada corretamente; além de alguns bebês não terem feito o teste em todas as idades (1, 3 ,6 e 9 semanas de vida).

Os autores fazem algumas recomendações para futuros trabalhos, tais como: utilizar poucos gestos a serem imitados; duração do teste de no máximo 4 minutos; controle de fatores físicos (luz, som) e estímulos ambientais (presença dos pais, modelos com cor de cabelo, pele e gênero parecido com os pais ou cuidadores), bem como novos testes pilotos.

**Questões: Jones, S. S. (2009). The development of imitation in infancy. Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences, 364(1528), 2325-2335.**

1. A imitação pode ser inata, estar presente desde o nascimento, ou não ter componente genético, só começar a aparecer por volta de 1 a 2 anos de idade, junto com a aquisição de desenvolvimento motor, cognitivo e social. E ambas são corretas e possíveis, pois a imitação é difícil e complexa de ser definida e observada.
2. Mais importante do que quando a imitação começa a ser possível e observada, é o seu valor: essa habilidade indica oque aquele bebê já aprendeu e consegue fazer, bem como é através dessa habilidade que o bebê começa a explorar e aprender acerca do mundo em que vive.